Avicultura: matéria de reforma



Cláudio Martins

"A avicultura brasileira é favorável à abertura comercial, desde que haja reciprocidade. Em igualdade de condições, podemos competir com qualquer país do mundo em qualquer terreno." É o que pensa o economista Cláudio Martins, 48 anos, diretor executivo da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frango (Abef). Amparado em estudos que mostram ser o Brasil o país mais competitivo do mundo no setor, Cláudio Martins diz que só não crescemos mais devido a fatores internos e a desigualdades no mercado internacional, onde os principais países produtores se valem ao mesmo tempo dos subsídios e do protecionismo. Pernambucano, carioca por adoção, discute os problemas da avicultura com a segurança de diretor da Abef durante sucessivas gestões desde a sua fundação, há 19 anos. Na sua opinião, entre os fatores internos que ainda prejudicam o setor está o gravame de impostos para produtos de exportação, procedimento que iguala o Brasil a Burkina (pequeno país do interior da África, vizinho de Gana e da Costa do Marfim, que já se chamou Alto Volta). Essa distorção, ele espera que seja eliminada pela reforma tributária, conforme disposição expressa do atual governo.

■ *Em 1994, as exportações brasileiras chegaram a 481 mil toneladas de carne de frango, recorde até então. No início de 1995, a Associação Paulista de Avicultura previa que as vendas deste ano chegariam a 500 mil toneladas. Como estão os números hoje?*

— De fato, exportamos 481 mil toneladas, com receita aproximada de US$600 milhões FOB. Com estes números, o Brasil foi o segundo maior exportador mundial de carne de frango, logo depois dos EUA e acima da França, que ficou em terceiro lugar. As previsões da Associação Paulista de Avicultura não conferem com os números com que estamos trabalhando. Essa entidade é representativa de São Paulo e não do Brasil. Para 1995, trabalhamos com a expectativa de exportar entre 410 e 420 mil toneladas, o que significará uma queda em torno de 12,5% em relação a 1994. Com essa *performance*, o Brasil deixará de ser o segundo maior exportador e trocará de lugar com a França, passando para o terceiro lugar.

■ *O que teria ocasionado essa redução?*

— Há fatores de ordem interna e de ordem externa. Como fatores de ordem interna podemos relacionar: 1. O aumento do consumo de frango no mercado doméstico, como conseqüência do aumento do poder aquisitivo da população de baixa renda, proporcionado pelo Plano Real. 2. Ineficiência do sistema portuário brasileiro, cujos portos são em média 30% mais caros que os portos dos nossos concorrentes. 3. A questão da exportação de impostos — o Brasil, assim como Burkina, teima em contrariar os procedimentos internacionais de não exportar impostos. Ou seja, os produtos destinados à exportação não devem ser gravados de impostos em toda a cadeia produtiva. No caso do nosso setor, isso acontece desde a criação do pintinho. Hoje, temos que recolher 6%. O governo brasileiro garante que este erro será corrigido na reforma tributária. 4. A valorização da nossa moeda, calculada por alguns economistas em cerca de 18%, que retirou parte do poder de competição do Brasil no mercado internacional.

Vamos citar agora os fatores de ordem externa: 1. As políticas adotadas pelos EUA e pela França, de subsidiar pesadamente as exportações, ao contrário do Brasil. 2. As políticas protecionistas praticadas pelos dois países. O produto brasileiro é simplesmente impedido de entrar nos EUA e na França com alegações de ordem sanitária que não resistem a uma discussão técnica. Acreditamos que o Brasil, através do Itamarati, mormente agora, após as decisões da Rodada Uruguai, deva defender os interesses do setor para a superação dessas barreiras.

■ *Quer dizer que o Primeiro Mundo está erguendo barreiras protecionistas que o Brasil já vem eliminando há muito tempo?*

— O nosso setor é muito competitivo internacionalmente e é favorá-

vel à abertura comercial, desde que seja em mão dupla. Se vamos receber frango de origem americana ou francesa, eles também têm que receber o nosso produto. Essa é a mensagem que temos levado ao governo — queremos a abertura de mercado, desde que em condições de igualdade. No ano passado, empresas americanas demonstraram interesse em exportar para o Brasil. O governo brasileiro está negociando, no campo sanitário, a concretização dessa abertura. A única restrição é que não podemos conviver em nosso território com produtos estrangeiros subsidiados. Se as condições forem iguais, não temos nenhum receio de enfrentar a concorrência externa em qualquer terreno. Em relação à França, ainda não há qualquer discussão bilateral, até porque, com a unificação, o produto brasileiro poderá, em tese, circular em toda a Europa. Estamos apenas aguardando a consolidação da unificação. A competitividade do produto brasileiro é muito grande. Publicação de setembro de 1995 do International Finance Corporation (IFC) —, do Banco Mundial, mostra que os custos de produção do frango no Brasil são os mais baixos entre 11 países selecionados. Perdemos grande parte da competitividade quando se computam os fatores que citei.

■ *Como é que o Brasil chegou a este nível de produtividade?*

— O desenvolvimento da avicultura brasileira começou com as exportações, porque a confrontação qualitativa obrigou a indústria a se aperfeiçoar, a se desenvolver tecnologicamente, a aumentar a produtividade. E o ganho de produtividade acabou beneficiando o consumidor brasileiro. Estudo do governo mostra que, em 1970, o preço do quilo de frango era o correspondente a R$4,50. Hoje, o produto está sendo vendido para o consumidor a R$1,00. As exportações brasileiras começaram em 1975, ano em que o volume exportado foi de apenas 3 mil toneladas. Em 1994, as exportações chegaram a 481 mil toneladas e representaram apenas 12% da produção total.

■ *Levando em conta as dificuldades, os fatores negativos, internos e externos, como é que o Brasil consegue se inserir no mercado internacional, a ponto de se tornar o segundo maior exportador mundial em 1994?*

— O Brasil faz o produto que o cliente quer. Os países do Oriente Médio são nossos grandes consumidores porque atendemos às suas exigências. O abate e o corte obedecem aos preceitos e aos rituais ditados pelo islamismo. O Japão também faz uma série de exigências, principalmente quanto ao corte, que fazemos questão de atender. A política dos EUA é outra. Como os americanos consomem basicamente peito, que é considerada a parte mais nobre, as partes destinadas às exportações são as que sobram — coxas e sobrecoxas, carnes mais escuras. Por este motivo entram nos mercados menos exigentes, cobrando preços menores.

■ *Os EUA são hoje os maiores exportadores mundiais de frango, contribuindo com quase 40% do volume comercializado no mercado internacional, enquanto o Brasil deve ficar com a fatia de 11,5% do total mundial. Essa supremacia americana vem de longa data?*

— Em 1984, os americanos ocupavam o terceiro lugar entre os exportadores, aparecendo com apenas 16,6% do volume total exportado em todo o mundo. Naquele ano, os EUA exportaram 185 mil toneladas, e em 1995 devem exportar nada menos que 1,45 milhão de toneladas, ocupando o primeiro lugar com muita folga. Nesse mesmo período, o Brasil saiu de 280 mil toneladas e foi para apenas 420 mil.

■ *E qual foi o pulo do gato dos americanos?*

— A partir de 1984, os EUA começaram um programa de subsídios — o Export Enhancement Program — que funciona até hoje da seguinte forma: se o mercado interno está pagando US$1.800 a tonelada de carne de frango e o externo apenas US$1.200, o produtor recebe pelas

Fluxo internacional do mercado de carne de frango (em mil toneladas)

Anos	Total		Brasil		França		EUA		Demais	
	Ton.	%	Ton.	%	Ton.	%	Ton.	%	Ton.	%
1984	1.119	100,0	280	25,0	288	25,7	185	16,6	366	32,7
1989	1.843	164,7	244	13,2	349	18,9	369	20,0	881	47,8
1990	2.174	194,3	300	13,8	358	16,5	518	23,8	998	45,9
1991	2.374	212,1	322	13,6	401	16,7	572	24,1	1.079	45,4
1992	2.630	234,3	378	14,4	415	15,8	658	25,0	1.179	44,8
1993	3.104	277,4	433	13,9	425	13,7	915	29,5	1.331	42,9
1994	3.584	320,3	481	13,4	480	13,3	1.344	37,5	1.279	35,7
1995	3.655	326,6	420	11,5	450	12,3	1.450	39,7	1.335	36,5

Fonte: USDA/FAS.

exportações um certificado de commodities no valor da diferença, ou seja, de US$600. Com esse certificado, o exportador pode retirar produtos do governo americano e ele o faz sempre em milho, o principal insumo do setor. A alegação para a implantação deste programa era de que os EUA precisavam de armas para vencer a concorrência de países que subsidiavam seus exportadores, principalmente a França. Jogando com uma arma pretensamente de defesa, eles saíram do terceiro para o primeiro lugar. A alavancagem que o programa proporcionou às exportações americanas é inequívoca. A França tem uma restituição fixada periodicamente pela União Européia, com a alegação de que é preciso equalizar o custo de produção européia com o custo do mercado internacional. Uma das decisões da Rodada Uruguai estabeleceu regras para os subsídios, cujo texto final foi assinado em Marrakech no início deste ano.

■ *O* mix *de produtos exportados pelo Brasil em 1994 foi de 58% para aves inteiras e de 42% para partes de aves, contra respectivamente 66 e 34% em 1993. Em outras palavras, o setor continuou a buscar um aumento das vendas do produto de maior valor agregado. Essa tendência também se verificou este ano?*

— Quando começou a guerra de subsídios em 1984, o Brasil procurou diversificar sua produção de exportação, iniciando a venda de cortes de frango, produto com maior valor agregado, cujos preços atingem em média 1,5 vez o preço do frango inteiro. A partir daquele ano, o Brasil desenvolveu essas vendas e elas têm sido crescentes ano a ano, para atender a uma exigência do consumidor moderno, que procura produtos mais fáceis de preparar. A tendência futura é o frango em cortes ultrapassar o frango inteiro. Este ano, o *mix* deve

Custo de produção de frangos em países selecionados

	Argentina 1994	Brasil 1993	China 1994	França 1993	Hungria 1994	Holanda 1993	Peru 1994	Polônia 1993	Tailândia 1994	Turquia 1994	US 1994
Custo da ave viva (US¢/kg peso vivo)											
1. Custo do pinto de um dia	14,6	9,4	10,0	14,3	12,7	16,0	11,4	15,3	9,8	12,0	8,3
2. Custo da ração	46,7	35,9	42,9	57,1	55,6	55,2	76,0	65,6	51,5	47,7	36,8
3. Pagamento ao criador	13,8	5,3	5,8	19,2	20,3	25,8	5,0	15,2	6,3	21,4	8,8
4. Medicamentos veterinários	3,3	0,1	2,0	1,3	0,8	1,5		0,9	1,7	1,5	1,1
5. Administração	9,2	0,0									1,1
6. Produtor	87,5	50,7	60,7	91,9	89,3	98,4	105,0	97,0	69,3	82,7	56,1
7. Transporte da ave		1,5	1,0	1,8				1,0	2,0	1,0	2,8
8. Custo da ave viva no abatedouro	87,5	52,2	61,7	93,6	89,3	98,4	105,0	98,0	71,3	83,7	58,8
Custo da carne na indústria (US¢/kg limpo)	109,4	68,9	81,4	123,6	117,9	129,9	131,3	129,4	94,2	110,5	77,4
9. Condenações											1,0
10. Recuperação dos dejetos											-2,2
11. Custo líquido da carne na indústria	109,4	68,9	81,4	123,6	117,9	129,9	131,3	129,4	94,2	110,5	76,2
Custos da indústria (US¢/kg limpo)											
12. Mão-de-obra		6,3			16,2			9,8	8,2	7,9	15,4
13. Embalagem		3,3						4,3		4,0	4,6
14. Instalações		1,7									2,6
15. Custos administrativos		2,0			8,6			7,1	4,1	3,2	2,9
16. Custos fixos		3,2			2,8			1,6		1,0	3,3
17. Mão-de-obra extra-empresa		10,1			11,4			13,0	4,1	8,3	13,4
18. Total não desagregado	22,0		11,8	35,0		33,5	21,0				
19. Total outros custos	22,0	16,5	11,8	35,0		33,5	21,0	22,8	12,4	16,1	28,9
Custo operacional total	131,4	85,4	93,2	158,6	145,5	163,4	152,3	152,2	106,3	126,6	105,0

Fonte: International Financial Corporation (World Bank).

se aproximar de 53 e 47%. Num futuro muito próximo, o corte supera o inteiro.

■ *Os maiores importadores da carne brasileira em 1994 foram países do Oriente Médio, como a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e o Kweit, tradicionais compradores da ave inteira. Nesse caso, enfrentamos uma forte concorrência da França, que subsidia pesadamente suas exportações. Como foi o desempenho das vendas brasileiras para esses países ao longo de 1995?*

— Em 1995, as vendas de frangos inteiros para o Oriente Médio sofrerão uma queda bastante acentuada em função dos fatores que mencionamos. Esse segmento deverá apresentar uma redução de 20% do volume exportado em relação a 1994. Essa queda inclui, além do Oriente Médio, a Argentina, tradicional compradora de frango inteiro. A redução em relação à Argentina será substancial, chegando a 60% em relação a 1994, resultado de um movimento claro de substituição de importações por um aumento da produção interna.

■ *Em que pé se encontram as conversações entre brasileiros e europeus sobre o eventual abrandamento das barreiras tarifárias que a carne de aves do Brasil enfrenta naquele continente?*

— O Brasil este ano foi extremamente prejudicado em suas relações com a Europa, devido ao acordo compensatório — o chamado Acordo Oleaginosas — firmado no âmbito do Gatt. Esse acordo foi um procedimento de compensação por prejuízos sofridos por sete países, incluindo o Brasil, em relação à exportação de oleaginosas. A fixação de uma cota de 15.500t anuais de peito de frango, livre de impostos durante cinco anos, não foi repassada integralmente ao Brasil, como deveria ter sido feito, em função de ser o Brasil o único tradicional exportador do produto para a Europa entre os outros signatários do acordo. Contrariamente ao espírito compensatório que presidiu o entendimento, a União Européia dividiu as 15.500t da seguinte forma: Brasil, 46%; Tailândia, 33% e China, 21%. Não concordamos com o critério utilizado, haja vista que a Tailândia não é signatária do acordo e a China nem sequer é membro do Gatt. Iniciamos gestões junto ao governo brasileiro para abrir um *panel* (questionamento, processo) na Organização Mundial do Comércio (OMC) —, visando dar ao Brasil o que lhe pertence. Só para dimensionar os prejuízos do Brasil nesse acordo, ele representa algo em torno de US$60 milhões por ano de perdas durante cinco anos, ou seja, US$300 milhões. Recentemente, o Itamarati atendeu às ponderações do setor e está ultimando os procedimentos necessários para a abertura do caso na OMC.

O Brasil, assim como Burkina, teima em contrariar os procedimentos internacionais de não exportar impostos. Ou seja, os produtos destinados à exportação não devem ser gravados de impostos em toda a cadeia produtiva. No caso do nosso setor, isso acontece desde a criação do pintinho. Hoje, temos que recolher 6%.

■ *No primeiro semestre deste ano, as exportações dos EUA cresceram 36% sobre o mesmo período de 1994. Os mercados mais visados foram os de Hong Kong e da Rússia. Qual a posição do Brasil no que diz respeito a esses dois países?*

— O Brasil já atua no mercado de Hong Kong, o segundo mercado em importação no Extremo Oriente. Com relação à Rússia, é um mercado em que o Brasil não tem condições de participar em função dos níveis de preços praticados principalmente pelos EUA. É um mercado de alto consumo de frango, ao qual o Brasil teria o maior interesse em retornar. Mas a competição de preços é muito desigual para o Brasil. É um mercado em que teríamos condições de participar, desde que houvesse um relacionamento comercial de nível governamental através de operações do tipo *barter* (permuta internacional). Os EUA colocam a tonelada de pernas a US$780, enquanto o Brasil não tem condições de vender por menos de US$1.800. Isso porque estas partes para os americanos, como já dissemos, são sobras do consumo interno, cuja preferência é pela carne nobre — a carne branca do peito.

■ *Como estão as exportações para o Japão? A Federação de Exportadores de Carne dos Estados Unidos desenvolve a estratégia, no caso do mercado japonês, de focalizar os clientes — importadores, atacadistas e cadeias de supermercados — em vez de visar os consumidores finais. Como tem sido a atuação dos exportadores brasileiros no caso dessas vendas e qual a sua opinião sobre um eventual aumento desse comércio?*

— O mercado japonês é o segundo maior comprador de frango do Brasil e o maior importador de frango do mundo. O Brasil tem uma política bastante agressiva no mercado japonês, produzindo especialmente para o gosto do consumidor daquele país. Acho que essa estratégia foi e é acertada, haja vista a participação brasileira naquele mercado. O Brasil produz acima de 20 cortes diferentes de frango para o mercado japonês, ao contrário dos EUA, cuja participação preponderante se restringe a coxas e sobrecoxas. Devemos fechar o ano com as exportações para o Japão apresentando um crescimento que consideramos excepcional. Em relação a 1994, o Brasil crescerá 30%. Dados já consolidados mostram que nossas exportações de janeiro a julho de 1995 foram de 51 mil toneladas, contra 36 mil no mesmo período de 1994. Portanto, cada vez mais o Brasil cristaliza sua posição de grande fornecedor de frango para o mercado japonês.